



Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte - FCSGN
DEPARTAMENTO DE LETRAS
Curso de Licenciatura Plena em Letras/Espanhol



ALENE PEREIRA DE ARAÚJO

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

Guarantã do Norte-MT
2017

ALENE PEREIRA DE ARAÚJO

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Letras, da Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Espanhol.

Orientadora: Prof. Esp. Eloa dos Santos

Guarantã do Norte-MT
2017

ARAÚJO, Alene Pereira de.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR / Alene
Pereira de Araújo. – Guarantã do Norte, 2017.

42 f.: il. Número de páginas

Monografia (licenciatura) em Letras – Faculdade de Ciências
Sociais de Guarantã do Norte – FCSGN, 2017.

Orientadora: Prof.^a Esp. Eloa dos Santos

1. Palavras-chave. Preconceito. Exclusão. Linguagem.
Variação Linguística.

Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte- FCSGN



Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte - FCSGN
DEPARTAMENTO DE LETRAS
Curso de Licenciatura Plena em Letras/Espanhol



A COMISSÃO EXAMINADORA, ABAIXO-ASSINADA, APROVA O TCC:

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

Elaborado por:

ALENE PEREIRA DE ARAÚJO

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Esp. Michele Bresolin da Silva
Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte – (FSCGN) MT

Profª Esp. Eloa dos Santos
Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte – (FSCGN) MT

Profª Esp. Rosileica Webler Scheibe
Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte – (FSCGN) MT

Guarantã do Norte – MT
30 de Novembro de 2017

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu filho com todo amor e carinho para que continue seguindo os meus passos com dignidade e humildade.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter concedido oportunidade e saúde para chegar ao fim deste longo trabalho.

A minha família pelo apoio e pela compreensão da minha ausência durante os estudos.

Aos colegas que muito contribuíram ao meu conhecimento.

E a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização desse sonho.

EPÍGRAFE

[...]

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

[...]"

(Evocação do Recife – Manuel Bandeira)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o preconceito linguístico no ambiente escolar, com pesquisa realizada na Escola Estadual Kreen Akarore, no município de Peixoto de Azevedo, através da qual professores e alunos responderam a um questionário, no intuito de verificar se há preconceito no ambiente escolar. Como um problema existente em boa parte da sociedade e também no contexto escolar, o preconceito linguístico deve ser enfaticamente combatido. A diferença socioeconômica na sociedade tem gerado exclusão àquelas pessoas menos favorecidas. E uma dessas exclusões é o preconceito linguístico presente também nas unidades escolares, o preconceito linguístico é a discriminação àquelas pessoas desprovidas de prestígio social que fogem a um modelo padrão da linguagem pré-estabelecida pela gramática normativa. Através dessa pesquisa, buscou-se estudar considerações sobre o tema que é o Preconceito Linguístico no Ambiente Escolar, sendo utilizado como métodos a pesquisa bibliográfica juntamente com pesquisa de campo, de cunho qualitativo, sendo realizado por meio de entrevistas com questionário pré-elaborado. O resultado da pesquisa foi satisfatório, pois contribuiu por estabelecer com relação ao objetivo principal do trabalho, comprovando que realmente há uma interferência do preconceito linguístico no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Dessa forma, foi compreendida a importância de combater o preconceito linguístico no ambiente escolar, para que todos os alunos possam participar dos processos interacionais comunicativos e ter voz na sociedade.

Palavras-chave: Preconceito. Exclusão. Linguagem. Variação Linguística.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objeto de investigación el prejuicio lingüístico en el ambiente escolar, con una investigación realizada en la Escuela Estadual Kreen Akarore, en el municipio de Peixoto de Azevedo, a través de la cual profesores y alumnos respondieron a un cuestionario, a fin de verificar si hay prejuicio en el ámbito escolar ambiente escolar. Como un problema existente en buena parte de la sociedad y también en el contexto escolar, el prejuicio lingüístico debe ser enfáticamente combatido. La diferencia socioeconómica en la sociedad ha generado exclusión a aquellas personas menos favorecidas. Y una de esas exclusiones es el prejuicio lingüístico presente también en las unidades escolares, el prejuicio lingüístico es la discriminación a aquellas personas desprovistas de prestigio social que huyen a un modelo estándar del lenguaje preestablecido por la gramática normativa. A través de esta investigación, se buscó estudiar consideraciones sobre el tema que es el Preconcepto Lingüístico en el Ambiente Escolar, siendo utilizado como métodos la investigación bibliográfica junto con investigación de campo, de cuño cualitativo, siendo realizado por medio de entrevistas con cuestionario pre-elaborado. El resultado de la investigación fue satisfactorio, pues contribuyó por establecer con relación al objetivo principal del trabajo, comprobando que realmente hay una interferencia del prejuicio lingüístico en el desarrollo y aprendizaje de los alumnos. De esta forma, se comprendió la importancia de combatir el prejuicio lingüístico en el ambiente escolar, para que todos los alumnos puedan participar en los procesos interactivos comunicativos y tener voz en la sociedad.

Palabras-clave: El preconcepto. La exclusión. El lenguaje, La Variación Lingüística.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você considera a linguagem padrão a única forma e mais correta a ser ensinada?

Gráfico: 2 Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?

Gráfico – 3. Você corrige seus alunos em sala, quando não utilizam a norma culta?

Gráfico 4 - você já foi corrigido em sala ou em outro ambiente por falar de forma que acharam errada?

Gráfico 5 – Você usa gíria na sala de aula?

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 O QUE É PRECONCEITO?	14
2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA	20
2.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO BRASIL	24
3. METODOLOGIA	28
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	28
3.2 PERFIS DOS PARTICIPANTES.....	29
3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA	29
3.4 RESULTADO E DISCUSSÃO	30
4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS.....	39

1. INTRODUÇÃO

A formação social da população brasileira é composta por diferentes contribuições socioculturais. Essas diferenças como: a cor da pele, posição social, a forma de cada falar e se expressar ou de manifestar sua cultura, que pode variar dependendo da região de origem de cada indivíduo, podem gerar diferentes tipos de preconceitos. O presente trabalho tem como objetivo analisar o preconceito linguístico no ambiente escolar e como o preconceito influencia na vida estudantil dos alunos da unidade de ensino Escola Estadual Kreen Akarore no município de Peixoto de Azevedo, por entender que a escola e suas práticas pedagógicas são fundamentais para diminuir o preconceito no ambiente escolar, e conseqüentemente na sociedade de uma maneira geral.

A pesquisa tem como procedimento metodológico inicialmente a pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos que abordam o tema preconceito linguístico no ambiente escolar. No segundo momento foram realizadas pesquisas de campo para coleta de dados com professores e alunos do ensino fundamental da unidade de ensino, onde utilizamos como método o questionário in loco nas turmas de 7º e 9º ano da referida escola, bem como com os professores de Letras, História e Geografia. Os dados da pesquisa foram apresentados em forma de gráficos para melhor obtenção dos objetivos propostos e assim podemos analisar melhor a que ponto está o conhecimento sobre como o preconceito linguístico afeta a sociedade.

A presente pesquisa está dividida em três momentos: estudo e embasamento teórico aprofundado em opiniões de autores que trazem estudos relevantes sobre preconceito linguístico e também embasamento em órgãos não governamentais, dentre os autores, nos embasaremos em Marcos Bagno, Bortolini Ricardo, Ronaldo Vainfas, Geraldi e Gladis Cagliari. Aprofundamento com estudos in loco, através de entrevista com professores alunos. Ainda no segundo capítulo abordamos temas como, o que é preconceito e suas manifestações na escola e na sociedade brasileira.

No segundo momento, discorreremos sobre o procedimento da pesquisa desde da entrevista com alunos e professores da Escola Estadual Kreen Akarore, tabulação dos dados, dificuldades encontradas na realização da pesquisa e embasamento teórico sobre a problemática elencada, no que se refere a

preconceito linguístico. No terceiro momento, refere-se as considerações finais, onde faz uma abordagem geral de todo o estudo, pontos importantes da pesquisa realizada e possíveis sugestões para o problema pesquisado.

Vivemos em uma sociedade onde o preconceito linguístico e o preconceito regional é muito frequente e por vezes os alunos passam por constrangimento nos ambientes ao qual estão inseridos. Esse quadro proporcionou a realização da pesquisa na intenção de analisar e buscar resgatar os valores das diferentes culturas, sobretudo no que se refere a linguagem oral e escrita. E através dos resultados obtidos oportunizar a sociedade envolvida um olhar mais atento e cauteloso sobre as diversidades da nossa língua. E que a sociedade tenha conhecimento que não se trata apenas de um preconceito linguístico, mas também de um preconceito social, isso é uma discriminação que atingi os falantes de uma comunidade desprestigiada por alguma razão ou acontecimento histórico, e que o falar bem é na verdade uma regra de comportamento social.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O que é preconceito?

O preconceito pode ser fruto de uma personalidade intolerante, porque muitas vezes parte de pessoas autoritária que acreditam nas normas do respeito máximo, a suas ideias pré-concebidas, e desprezando qualquer outra ideia que ultrapasse a realidade que consideram como normal. Existem diferentes manifestações e tipos de preconceito, sendo as suas formas mais comuns o preconceito social, racial e sexual. Como por exemplo:

- preconceito social - um tipo de preconceito relacionado com a classe social, ou seja, está baseado no poder aquisitivo e padrão de vida dos indivíduos, sendo classificados basicamente em: ricos e pobres.
- preconceito racial – trata-se de uma ideia estabelecida sem fundamento de que uma raça ou etnia humana é melhor ou pior que a outra.
- preconceito sexual – é discriminar alguém pela sua orientação sexual.

Existe também o preconceito linguístico que consiste na discriminação existente entre os falantes de um mesmo idioma.

Entende-se por preconceito toda manifestação discriminatória a pessoas ou tradições diferentes ou estranhas. Como o próprio nome já diz, é um pré-conceito uma opinião antecipada, sem contar com informações suficientes para poder emitir um julgamento verdadeiro. Segundo definição Dicionário online de Português (2009):

Opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém cujo teor é construído a partir de análises sem fundamentos, sendo preconcebidas sem conhecimento e/ou reflexão; prejudgamento. Forma de pensamento na qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejudgado. Repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas, ideias; pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade etc.; intolerância. Comportamento que demonstra esse repúdio. Convicção fundamentada em crenças ou superstições; cisma. (Etm. pré + conceito).

O preconceito linguístico é um preconceito social, gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo idioma, associado com as diferenças regionais, dialetos, gírias e sotaques. Estes são desenvolvidos com o tempo em seus grupos sociais, por isso em importantes análise do escritor e linguista Marcos Bagno, brasileiro nascido em Minas Gerais, autor de mais de 30 livros, e professor, atualmente é reconhecido por sua luta contra a discriminação social por meio da linguagem. Segundo o autor é preciso uma conscientização por meio dos professores para que não sejam eles mesmos os transmissores do preconceito linguístico e da discriminação.

[...]quem sabe, traçar novas estratégias de ensino, fugir da tradicional, que é autoritária e intolerante para com o que é diferente. se todos compreendêssemos que o português não padrão é uma língua como qualquer outra, com regras coerentes, com uma lógica linguística perfeitamente demonstrável, talvez fosse possível abandonar os preconceitos que vigoram hoje em dia no nosso ensino de língua. (BAGNO, 2006, p.30).

Preconceito linguístico é aquele tipo de preconceito gerado pelas diferentes formas de falar, que existe em um idioma, como por exemplo no Brasil todos falamos português, porém cada região tem sua forma de falar, que muitas vezes foge da norma padrão. E no Brasil por possuir uma diversidade linguística fica ainda maior como podemos citar os PCN's (1997, p.79)

A coexistência da ampla diversidade étnica, linguística e religiosa em solo brasileiro coloca a possibilidade da pluralidade de alternativas. De certa forma, é como se o plural que se constata, seja no convívio direto, seja por outras mediações, evidenciasse e ampliasse o plural que potencialmente está em cada um. Assim, o princípio de liberdade se afirma nas possibilidades múltiplas de cada um, na polissemia subjetiva que permite escolhas e novos encontros.

É importante ressaltar que o preconceito linguístico muitas vezes acontece com teor de deboche, onde gera diversos tipos de violência (física, verbal e psicológica). Reforçando que em nossa cultura o preconceito linguístico recai sobre as camadas mais pobres com características populares em seu falar. O autor

Marcos Bagno ressalta muito bem em seu texto, “É que, de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil”, afirma. “Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas”, defende.

Esses preconceitos atingiram muitas regiões desprovidas de educação e cultura, o que se diz ser para todos, mas na verdade somente uma pequena parcela da população brasileira tem acesso a uma educação de qualidade, e os menos favorecidos são taxados como caipiras, nordestinos, etc., entretanto vale lembrar que todas as variedades linguísticas devem ser consideradas um valor cultural e não um problema.

O preconceito linguístico está muito presente no nosso cotidiano, a sociedade preconceituosa questiona o sentido de “falar bem”. E se não estiver conforme a gramática normativa é considerada errada. Como fica relatado nos PCN's de linguagem que a “Língua Portuguesa” é composta por diversas variedades linguísticas. Essas variedades são, frequentemente, estigmatizadas por se levar em conta o relativo valor social que se atribui aos diversos modos de falar: as variantes linguísticas de menor prestígio social são logo catalogadas de “inferiores” ou até mesmo, de “erradas”.

No texto “preconceito linguístico, o que é como se faz” de Marcos Bagno, afirma-se que o preconceito linguístico é muito comum na sociedade brasileira, consiste em o que é “certo” e o que é “errado”.

Mas o preconceito, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. (BAGNO, 1999, p.75).

O preconceito linguístico ainda está muito presente nos dias de hoje, ele é ignorado pela maioria da população, muitos devem achar que isso é bobagem, que todos devem deixar de falar errado, mas todo mundo tem o direito de se expressar, sem constrangimento, na forma com que aprenderam, enfim, de falar a sua língua.

Pois a língua é um instrumento de comunicação, e é essa a sua maior finalidade, a língua também é uma maneira de reconhecimento de povos e reconhecimento regional, histórico e cultural. Segundo Bagno (1999, p.145):

É necessário também. Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua. Aceitar a ideia de que não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa. Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano. Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a autoestima do indivíduo.

Uma das melhores formas de acabar com o preconceito seria oportunizar a sociedade em geral ao reconhecimento e respeito as suas diferenças, assim entendendo o significado de preconceito da maneira como deve ser. Esse trabalho deveria começar desde muito cedo nas escolas, assim as crianças cresceriam conhecedoras das diversas formas que sua língua tem, mas que ele precisa priorizar a forma padrão da gramática normativa.

O fato é que o conhecimento adquirido através dos bancos escolares e o empenho dos professores formadores agregados a políticas públicas de ensino é a principal arma para combater esse preconceito, mas para isso é preciso reconhecê-lo como algo grave, um sério problema social, que precisa, urgentemente, ser reconhecido e combatido. Segundo Bagno,

É uma pena que não possamos contar com a ajuda dos meios de comunicação para dissipar todos esses mitos e preconceitos, que impedem a formação, no Brasil em particular, de uma autoestima linguística, uma vez que tudo o que os brasileiros ouvem e leem são os mesmos chavões, repetidos há séculos, de que “brasileiros não sabe português” e que a língua que falamos é português estropiado. (BAGNO, 1999, P. 176).

Uma outra forma muito utilizada carregada de preconceito são as mídias tem o poder de ser um elemento fundamental de estabelecer modelos a serem seguidos pelos grupos sociais, possibilitando contribuir para o combate ao preconceito linguístico, respeitando a diversidade e sendo um veículo de informação deveria ajudar a promovê-lo, mas infelizmente, o que ela faz é somente alimentar o preconceito retratam padrões errôneos sobre os grupos sociais estabelecendo relações de certo ou errado nas formas de variantes linguísticas.

A linguagem apresentada em suas grades de exibição como jornais, programas de auditório, novelas apresentam personagens oriundos de um sítio ou em uma fazenda, esse personagem sempre é atrapalhado e taxado como caipira e ‘burro” que usa a linguagem não formal, em sua maioria retrata os personagens sem respeitar a valorização das diferentes formas de se falar o nosso português, só menospreza as pessoas e seu falar que retrata o seu regionalismo em suas programações.

Nunca valoriza as pessoas que moram em sítios ou fazendas, esses personagens são em sua maioria usados para provocar risos aos olhos da mídia só fala e escreve certo quem mora nas grandes capitais. Os nordestinos coitados, todos falam errado, como se existisse o falar certo e o falar errado.

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às fala dialetal deve ser enfrentada, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito a diferença. Para isso, e também para poder ensinar língua portuguesa, a escola precisa livra-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar- a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim seria preciso “concertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BAGNO, 1999, p. 171).

A escola deve ter um papel importante na formação do conhecimento do aluno, impondo a ele a importância do entendimento a norma culta, mas ressaltando também suas variantes. Percebendo que precisa valorizar a cultura e origem de cada grupo social a que pertence respeitando as flexibilidades do alunado como um todo. E que os mesmos possam aprender que a norma padrão é que prevalece em muitas situações, que dependendo do local e do momento, não é adequado o uso de variações, gírias ou dialetos, por isso a importância da escola ensinar os dois

lados da situação. Assegurando que possa usar as duas situações sem comprometer as variantes da comunicação entre os grupos a que pertence, tendo clareza de se expressar em acordo com o contexto do momento que está inserido.

Esforçar-se para que o aluno conheça de cor o nome de todas as classes de palavras, saiba identificar os termos da oração, classifique as orações segundo seus tipos, decore as definições tradicionais de sujeito, objeto, verbo, conjunção etc. – nada disso e garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da língua culta. (BAGNO, 1999, P. 119).

Existem pessoas que dominam bem o uso de sua língua, em quanto a outras que conhecem bem suas regras gramaticais, saber falar português é uma coisa e saber analisa-lo e outra coisa, o que quero dizer é que é possível saber muito sobre uma língua sem saber dizer uma se que frase com todas as suas regras gramaticais.

A sociedade precisa entender que, a pessoa não sabe dominar ou não teve a oportunidade de conhecer a língua dentro da forma normativa, não quer dizer que essa pessoa fala “errado” ou é “burra”. Essa pessoa por alguma razão não teve o conhecimento adequado, para que pudesse fazer o uso correto das normas gramaticais da nossa língua. Entende - se que a Educação é propulsora nesse processo de construção do conhecimento e de preparação do indivíduo para o mercado de trabalho e convívio social, que é um direito estabelecido e reconhecido através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9.394 de 20 de novembro de 1996.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Vivemos em uma sociedade onde a educação é a mola mestra para formação e capacitação do povo brasileiro ser inserido no meio social e mercado de trabalho.

2.2. Preconceito linguístico na escola

[...] eu canto em português errado

Acho que o imperfeito não participa do passado

Troco as pessoas

Troco os pronomes [...] (Legião Urbana).

As escolas públicas recebem alunos com diversas variedades linguísticas, que caracterizam o grupo que pertence e muitas vezes utilizam o português não padrão. Essas crianças já chegam a escola com a sua língua materna, aquela que aprenderam no convívio familiar desde que nasceram. Nesse caso se deve conscientizar que existe a norma culta que compete a língua portuguesa em sua norma padrão. Bagno diz que:

O português não padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo, é também, conseqüentemente, a língua das crianças pobres e carentes que frequentam as escolas públicas.

Os professores, administradores escolares e psicólogos educacionais tratam o aluno pobre como um “deficiente” linguístico, como se ele não falasse língua nenhuma, como se sua bagagem linguística fosse “rudimentar”, refletindo conseqüentemente uma “inferioridade” mental. (MARCOS BAGNO, 2006, P.28).

Quando a criança é inserida no ambiente escolar, inicia-se o processo de aprendizagem da língua padrão, ensinada através das gramáticas tradicionais, é na escola que ele descobre que tudo o que aprendeu é considerado errado, pois somente é levado em consideração o português padrão. É aí então que surge o preconceito linguístico, através de atitudes que discriminam uma pessoa, devido seu modo de falar. Pois a Escola é o primeiro lugar de contato da criança com o falar diferente do seu habitual, sendo taxada por falar errado, e passando a não se sentir

aceita ao novo grupo que está sendo apresentada. Necessitando de acompanhamento sobre variações linguísticas.

A escola com suas práticas pedagógicas deveria focar e desenvolver com seus alunos atividades que envolvam a norma padrão, enfocando que existe a linguagem formal e não formal, sem deixar de ressaltar a existência das variações linguísticas e que todos saibam identificar as situações nas quais utilizaremos o português padrão e o português não padrão.

Para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda a sua visão de valores educacionais. Enquanto isso não acontece, os professores mais bem esclarecidos deveriam pelo menos discutir o problema da variação linguística com seus alunos e mostrar-lhes como os diferentes dialetos são, porque são diferentes, o que isso representa em termos das estruturas linguísticas das línguas e, sobretudo, como a sociedade encara a variação linguística, seus preconceitos e a consequência disso na vida de cada um (CAGLIARI, 2000, p. 82).

O aluno como indivíduo inserido na sociedade deve saber que não existe certo ou errado, apenas situações de uso. A escola precisa aprender que o aluno chega até lá com uma bagagem linguística, que é o português da sua comunidade, e que muitas vezes essa comunidade não conhece o português padrão.

E papel da escola acrescentar a norma culta da língua, no processo de aprendizagem, considerando as diversidades linguísticas e cultural desse aluno. É importante ressaltar que a variação linguística está relacionada a fatores sociais extralinguísticos como: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais.

Origem geográfica: a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa; Status socioeconômico: as pessoas que tem um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que tem um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa; Grau de escolarização: o acesso maior ou menor a educação formal e, com ele, a cultura letrada, a prática de leitura e aos usos da escrita é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos; Idade: os

adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falem do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores. Sexo: homens e mulheres fazem usos diferentes dos recursos que a língua oferece. Mercado de trabalho: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmo de um cortador de cana. Redes sociais: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico. (MARCOS BAGNO, 2006, P.43).

O preconceito linguístico nas unidades escolares comunga como um sofrimento e exclusão das crianças quando passa por uma avaliação sobre falar certo ou errado. Muitos educadores acreditam que pai com baixa escolaridade não podem acrescentar no processo educativo de seus filhos. Nesse caso é importante respeitar o ponto de vista das identidades familiares. A escola pode auxiliar seus alunos, trabalhando as questões sociais que envolvem o aspecto da fala, além da ortografia, coesão textual e a aceitação das diferentes formas de falar existentes em nosso país. O autor Marcos Bagno explica dez decisões primordiais para a existência de um ensino da língua menos preconceituoso:

- 1) Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso ele sabe essa língua. Com mais ou menos quatro anos de idade, uma criança já domina integralmente a gramática de sua língua.
- 2) Não existe erro de português. Existe diferentes gramáticas para as diferentes variedades de português. Gramáticas que dão conta dos usos que diferem da alternativa única proposta pela gramática normativa.
- 3) Não confundir erro de português (que afinal, não existe) com simples erro de ortografia. A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural. A ortografia é uma decisão política, por isso ela pode mudar de uma época para outra. Línguas que não tem sistema escrito nem por isso deixam de ter sua gramática.
- 4) Tudo o que os gramáticos conservadores chamam de erro é na verdade um fenômeno que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. Nada é por acaso.
- 5) Toda língua muda e varia. O que hoje é visto como certo já foi erro no passado. O que hoje é visto como erro pode vir a ser perfeitamente aceito como certo no futuro da língua.

- 6) A língua portuguesa não vai nem bem, nem mal. Ela simplesmente vai, isto é, segue seu caminho, transformando-se segundo suas próprias tendências internas.
- 7) Respeitar a variedade linguística de uma pessoa é respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano digno de todo respeito.
- 8) A língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. Enxergamos o mundo através da língua. Assim,
- 9) O professor de português é professor de tudo. Por isso talvez devesse ter um salário igual à soma dos salários de todos os demais professores.
- 10) Ensinar bem é ensinar para o bem. É valorizar o saber intuitivo do aluno e não querer suprimir autoritariamente sua língua materna, acusando-a de ser “feia” e “corrompida”. O ensino da norma culta tem de ser feito como um acréscimo a bagagem linguística da pessoa e não como uma substituição de uma língua “errada” por uma “certa”. (BAGNO, 2006, p. 142-145.)

É necessário que haja mudanças na forma como nossas crianças estão sendo educadas e ensinadas. A educação necessita ser ensinada pelo professor e entendida pelo aluno, assim se tornará de qualidade e eficaz na vida do aluno, que a colocará em prática perante a sociedade em que vive. O aluno precisa entender as palavras lidas e dá sentido a mesma, analisar e discutir questões existentes ao seu redor para que a linguagem tenha o seu papel e sua função social. A educação é um instrumento que vem ajudar na mudança e no crescimento na vida das pessoas e muitas vezes um novo padrão de vida, a escola pode ou não resolver os problemas das pessoas, da sociedade, do mundo, mas é um caminho onde muitos podem escrever sua história, por isso o educador deve levar em consideração o conhecimento que a criança tem, valorizando sua linguagem, cultura e identidade.

O combate ao preconceito deve ser travado por meio da educação, que deve servir como parâmetro de compreensão do mundo e das diferenças, tendo sempre como objetivo a afirmação da igualdade de direitos e deveres que todos temos um com os outros.

2.3 Preconceito linguístico no Brasil

Ao falar em preconceito linguístico no Brasil percebemos que envolve questões relacionadas ao regionalismo, as desigualdades sociais, cultura local e convívio social tendo em vista que trazemos conosco heranças de uma sociedade colonial. Uma grande influência no português do Brasil foi a cultura de matrizes africanas principalmente as do grupo banto, influenciaram fortemente na formação do português brasileiro. Como diz Vainfas (2001, p. 67)

Os povos bantos predominaram entre os escravos traficados para o Brasil desde o século XVII, concentrando-se na região sudeste, mas espalhados por toda a parte, inclusive na Bahia. (...) Os Bantos oriundos do Congo eram chamados de cngo, muxicongo, loango, cabina, monjolo, ao passo que os de Angola o eram de massangana, cassange, loanda, rebolo, cabundá, quissamã, embaca, benguela.

O preconceito ocorre muitas vezes por grupos sociais que se manifestam de forma a encontrar-se superiores os demais formando um estereótipo. Nossa língua é mutável e passa por construções linguísticas de acordo com as regiões e grupos sociais do nosso país. De acordo com o PCN's (Brasil, 1998, p.82), "O preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia".

No Brasil possuímos uma vasta mistura intercultural que possibilitou a miscigenação no falar do povo brasileiro. Que por consequência reflete nos inúmeros casos de preconceito sobre a variação linguística que afetam principalmente as classes mais reprimidas. Ficando bem reportado na fala de Bagno.

Toda língua é composta de variantes, pois não existe uma unidade linguística, "Não há língua que seja, em toda a sua amplitude um sistema uno, invariável, rígido". (BAGNO, 2006)

No decorrer de nossas ações diárias podemos perceber que o preconceito linguístico está presente, muitas vezes na forma de prejulgamento que é feito por

entender que determinado grupo social não faz uso das normas cultas denominadas corretas. Não levando em consideração ao julgar certo ou errado as composições na fala das diversas regiões que possuímos e suas características próprias. Quando o indivíduo está inserido em um contexto ou em grupo social ele passa a internalizar as características próprias do meio onde vive.

Por vezes a discriminação praticada fica oculta por acreditar que no Brasil não se tem efetivado esse tipo de discriminação por disseminar a ideia de sermos um país monolíngue. No entanto são utilizados dialetos com variações linguísticas regionais, sociais, etárias baseado no contexto que o indivíduo está inserido, por vez utilizamos determinadas maneiras de expressar-se em acordo com o interlocutor, é o que afirmar a autora Bortolini Ricardo (2004 p.73)

[...] o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que dizem quando e como monitorar seu estilo. Em situações que exijam mais formalidade, porque está diante de um interlocutor desconhecido ou que mereça grande consideração, ou porque o assunto exige tratamento formal.

No Brasil os grupos sociais que as pessoas estão inseridas faz toda a diferença na conversação, como por exemplo, a região sudeste onde economicamente é mais desenvolvida e o acesso das famílias e esclarecimento possibilita a um grupo maior frequentar a escola e assim, percebe - se que a população se sente mais valorizada em detrimento a região nordeste por exemplo. Onde a pobreza é mais declarada as condições climáticas que contribuem para a dificuldade de subsistência fazem com que as famílias optam por trabalhar para sustento do que frequentar e matricular seus filhos em uma escola. E por consequência a falta de conhecimento gramatical e da linguagem padrão contribuem para a sua maneira de falar não corresponder ao padrão culto da língua portuguesa.

Entende-se segundo Marcos Bagno (2002) esse tipo de preconceito nasce da ideia de unidade linguística, que há uma única língua portuguesa correta, que é ensinada nas escolas, e está presente nos livros e dicionários e baseia-se na gramática normativa. Mas não se deve esquecer que no Brasil existem outras línguas como, por exemplo, os indígenas que se comunicam em seu grupo de convívio, não fazendo relação com as normas padrão da nossa língua, e sim sua

língua materna, que está presente também ao aluno quando chega pela primeira vez ao ambiente escolar e tem que socializar com outras crianças sem passar por qualquer tipo de constrangimento e discriminação. Que para Bortolini Ricardo:

Valorizar a língua materna, é viabilizar condições de aprendizagem para que o aluno possa perceber que sua linguagem não é errada, mas diferente, não é em toda situação que se esta linguagem trazida de casa será aceita, deverá, no entanto, aprimorar essa linguagem para que as portas da sociedade não se fechem a ela. (2004, p. 73)

A linguagem é um mecanismo que proporciona ao falante, uma interação com os demais grupos que não são somente do seu convívio social. Possibilitando ampliar seu vocabulário e quando de contato com pessoas diferentes do seu meio sócio cultural, oportuniza o interagir e a socialização.

Esse domínio da língua para ser utilizado como atividade discursiva fica bem argumentado no texto do PCN's de língua portuguesa:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. O aluno como pessoa humana; e a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico com flexibilidade, em um mundo novo que se apresenta, no qual o caráter da Língua Portuguesa deve ser basicamente comunicativo. A língua dispõe de recursos, mas a organização deles encontra no social sua matéria prima. Mesmas estruturas linguísticas assumem significados diferentes, dependendo das intenções dos interlocutores. Há uma “diversidade de vozes” em um mesmo texto. (PCN's, 1998, p 20-36).

Na citação dos PCN's, vale ressaltar que a língua portuguesa e heterogenia e passa por transformações em decorrência do tempo e espaço na qual está inserida. E o português brasileiro possuem diferentes variedades linguísticas sendo um país multilíngue. Possuidor de variedades geográficas e variedades socioculturais, onde divide-se em linguagens urbana e rural, os dialetos regionais e sociais, o nível das falantes e as características ao qual estão ligados.

Devemos nos atentar para as variedades linguísticas como expressões de um país multicultural, tendo em vista as origens. Podemos reelaborar reconstruir e reeducar nossos olhares e volta-los não a tolerância, mas a riqueza da nossa historia aos encantos da nossa diversidade.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa de campo realizou-se com os professores e alunos do 6º ao 9º ano, do ensino fundamental da Escola Estadual Kreen Akarore, no município de Peixoto de Azevedo no estado de Mato Grosso. A escola atende a um público diversificado, tanto moradores da zona urbana e também rural. Instituição mantida pela rede oficial de ensino do Estado de Mato Grosso, através da secretaria de Estado de Educação e FUNDEB, criada pelo Decreto de Lei nº 1226, publicado no Diário oficial em 29/11/1988, reconhecida pela portaria 3277/92, no Diário oficial em 26/02/1993 e renovação do reconhecimento nº 022/04, CEE/MT, legislação em vigor, oferece a Educação Básica do 6º ao 9º ano, organizadas conforme as exigências estabelecidas pela constituição e pela LDBEN (9.394/96).

A instituição atende em dois turnos, matutino e vespertino, o ensino é ministrado com base de igualdade de condições, acesso e permanência na escola, a instituição conta com uma biblioteca e uma sala de informática usada para pesquisa, oferecendo assim liberdade de aprender e ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, afim de que os estudantes sejam capacitados e conscientes de seu papel na sociedade.

A escola está inserida em uma comunidade carente, beneficiária da bolsa família, outros com situação financeira um pouco melhor. Predominam família que exploram a atividade garimpeira, de classe operaria e autônoma. Mediante a situação vivenciada pela sociedade e a realidade enfrentada por suas famílias durante o processo histórico, levou os pais a procurar outros rincões, deixando suas famílias e isso tem refletido em nossos estudantes que apresentam dificuldade na aprendizagem, alguns apresentam atitudes agressivas com os colegas e professores. É importante lembrar que a instituição foi escolhida em função de terem sido nela desenvolvida o projeto de estágio.

3.2 Perfil dos participantes.

O trabalho de investigação foi realizado com os professores e alunos do Ensino Fundamental das turmas 7º ao 9º ano da Escola Estadual Kreen Akarore. Sendo que participaram 04 (quatro) professores, na qual dentre os entrevistados 02 (dois) são de língua portuguesa, 01 (um) de história e 01 (um) de geografia. Também foi realizado a pesquisa de campo com os alunos do 7º e 9º ano do ensino fundamental da escola Estadual Kreen Akarore, na qual foi tomada na amostragem 10 (dez) alunos das respectivas séries totalizando vinte entrevistados das duas turmas. A escola escolhida é estadual, seus turnos de funcionamento são matutino, vespertino e noturno, tem uma clientela diversificada em temas de questões sociais.

3.3 Caracterização dos instrumentos de pesquisa

A pesquisa foi levantada em duas etapas distintas: o levantamento bibliográfico foi feito em livros por meio de leituras orientadas, com objetivo de coletar um maior número possível de informação sobre a temática para que assim o estudo tivesse o respaldo de teóricos reconhecidos no mundo acadêmico.

Em relação à pesquisa de campo, a mesma foi realizada em uma escola na zona urbana do município de Peixoto de Azevedo no estado de Mato Grosso, com professores e alunos do 7º e 9º ano do ensino fundamental. A pesquisa de campo dividiu-se em duas etapas, a primeira com professores de diversas disciplinas, no qual responderam um questionário sobre o tema em estudo, no segundo momento com alunos que também responderam um questionário sobre o tema abordado. As perguntas do presente estudo tiveram como objetivo saber dos professores de que forma lidam com o preconceito linguístico no ambiente escolar.

A pesquisa de campo realizada utilizou como base uma abordagem no método de investigação de forma qualitativa, onde MINAYO (2008) destaca que na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de

forma específica e contextualizada. A análise das coletas dados foi realizada com os professores e alunos utilizando como método a entrevista em questionário.

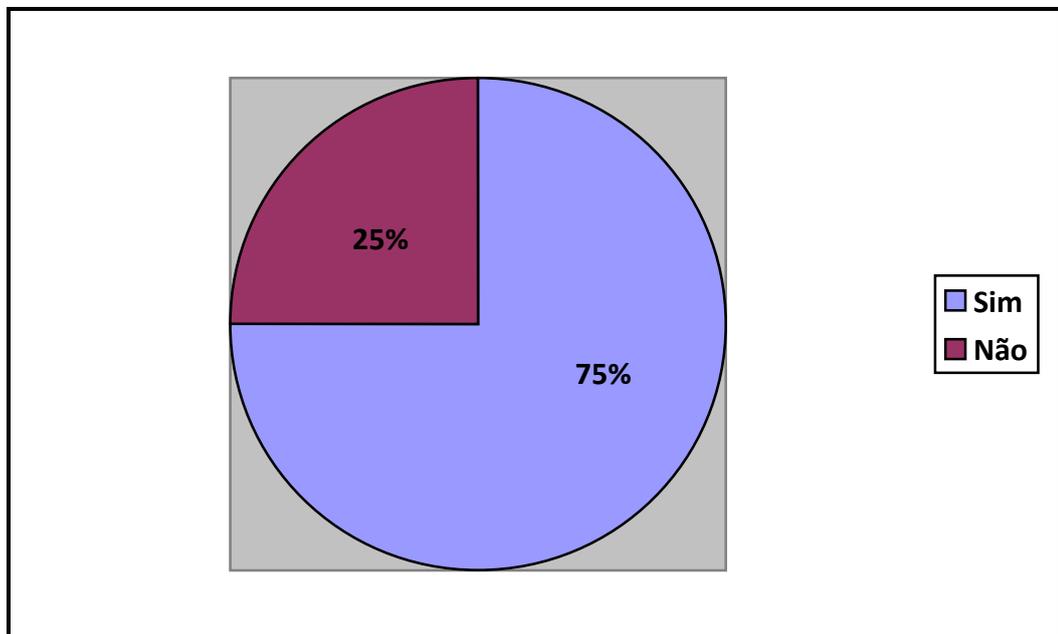
A entrevista realizada para o presente estudo ocorreu de forma separada, de maneira que os entrevistados não se encontrassem, por consequência não haver influência nas discussões e opiniões referentes a professores e aluno que participaram da pesquisa.

3.4 RESULTADO E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa de natureza descritivo, observado, registrado e analisado os fatos sem haver qualquer manipulação. Para Goldengerg (2000, p. 53) “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos.” Buscando uma compreensão do que se pretende estudar, focando a análise dos fatos pesquisados. Conforme Rapazzo p.58,2012 Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. Procura-se compreender a experiência que todos os “sujeitos” têm.

Após a coleta dos dados foi realizado a tabulação dos resultados para averiguar o e formatar o diagnóstico do problema levantado. A primeira pergunta feita aos professores foi se os mesmos consideram língua padrão como a única e mais importante para ser ensinada na Escola. Onde dos quatro entrevistados 75% disseram que não consideram, que devemos levar em consideração a apropriação de linguagem que a criança traz consigo. E 25% dos entrevistados disse que sim que considera a língua padrao como a mais importante. Segundo o autor Marcos Bagno p.62,2006. O fracasso dessa atitude fica bem claro no número impressionante de alunos que abandonam a escola.

Gráfico 1 – Você considera a linguagem padrão a única forma e mais correta a ser ensinada?



Fonte: Escola Estadual Kreen Akarore

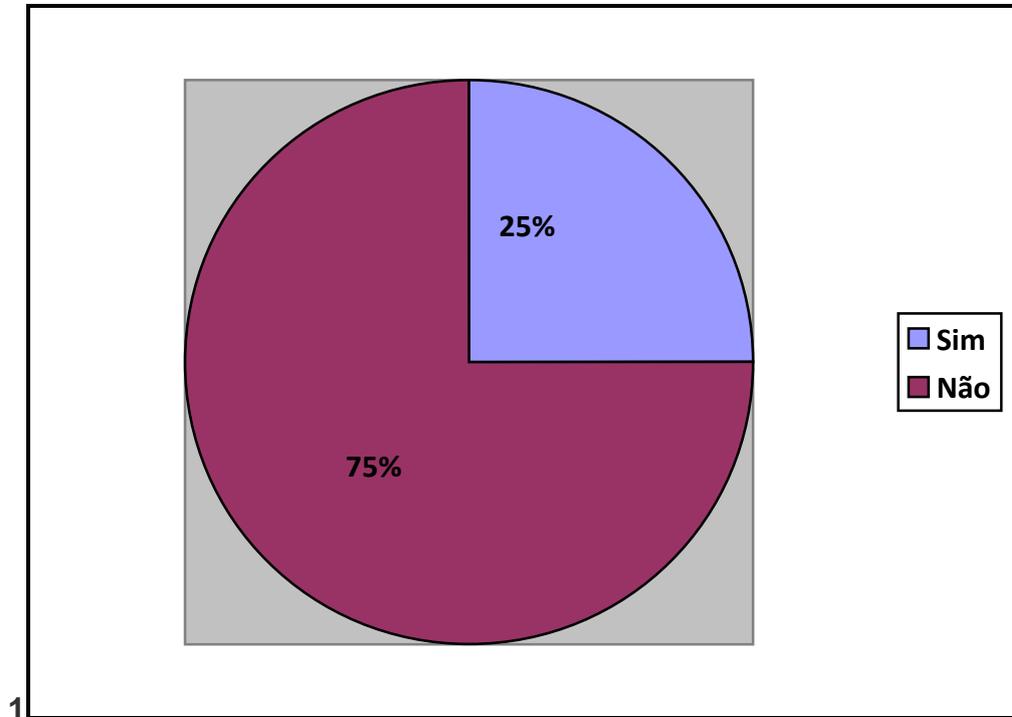
Segundo um dos entrevistados:

“Além da língua portuguesa em norma culta devemos também ensinar aos nossos alunos a língua brasileira de sinais, libras.”

Passamos a pergunta de que se o entrevistado corrige seu aluno quando o mesmo pronuncia alguma palavra que não está dentro da norma culta. O interessante é que todos disseram corrigir mais de forma a não constranger o aluno perante os demais. O que mais chamou a atenção foi quando perguntado se os mesmos conhecem ou ouviram falar sobre preconceito linguístico os mesmos responderam assim, ficando assim os dados 75% já ouviu falar mais não trabalha em sala de aula. E os 25% tem conhecimento mais não desenvolve atividades sobre o assunto abordado. Pude perceber que a falta de informação é um dos motivos pelo qual o professor de língua portuguesa não aborda o tema e não desenvolve em sala de aula com suas respectivas turmas.

não temos educadores que possuam suficiente experiência própria para poderem servir de diretores aos outros. Não basta ter lido ou ouvido a verdade; em toda a sua plenitude, amplitude e profundidade, esse não pode ser educador eficiente, porque não é suficientemente educado. HUBERTO ROHDEN (2005, P 91).

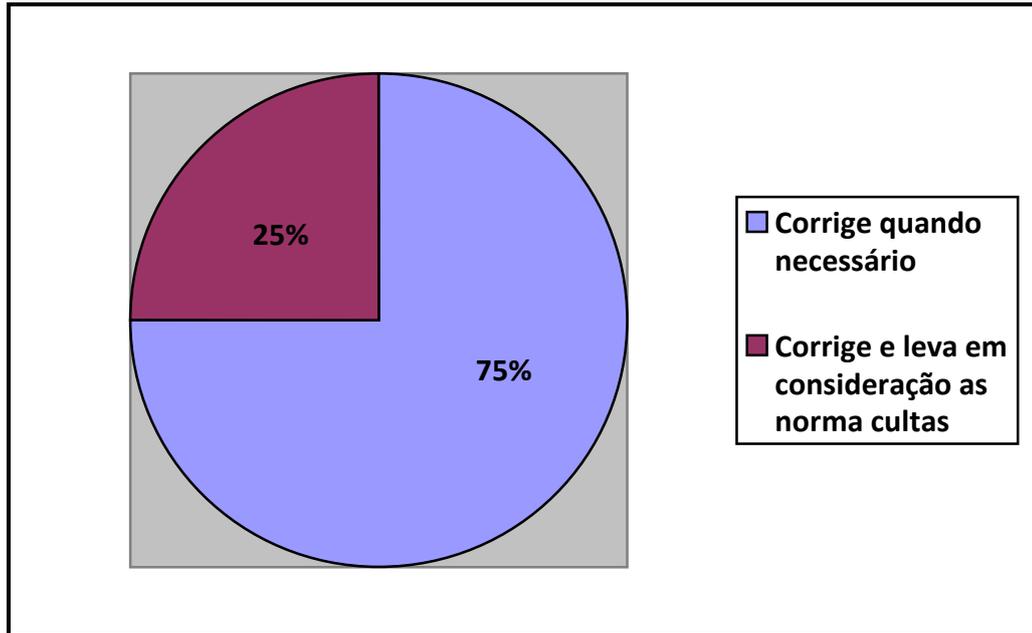
Gráfico: 2 Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?



Fonte: Escola Estadual Kreen Akarore

Abordei em minha pesquisa se os professores fazem correção aos alunos em sala de aula e se os mesmos levam em conta a questão regional dos educandos. Onde 75% disseram que corrigem quando necessário, mas procuram não constranger os mesmos. E 25% fazem correção e relacionam com as normas padrão para que os educandos saibam das normas cultas da língua portuguesa. O professor precisa ter claro sobre as variações linguística pois ao orientar o aluno deve levar em conta as possibilidades no processo da fala e suas variáveis. É o que diz BAGNO(2006, P.15)

Gráfico – 3. Você corrige seus alunos em sala, quando não utilizam a norma culta?

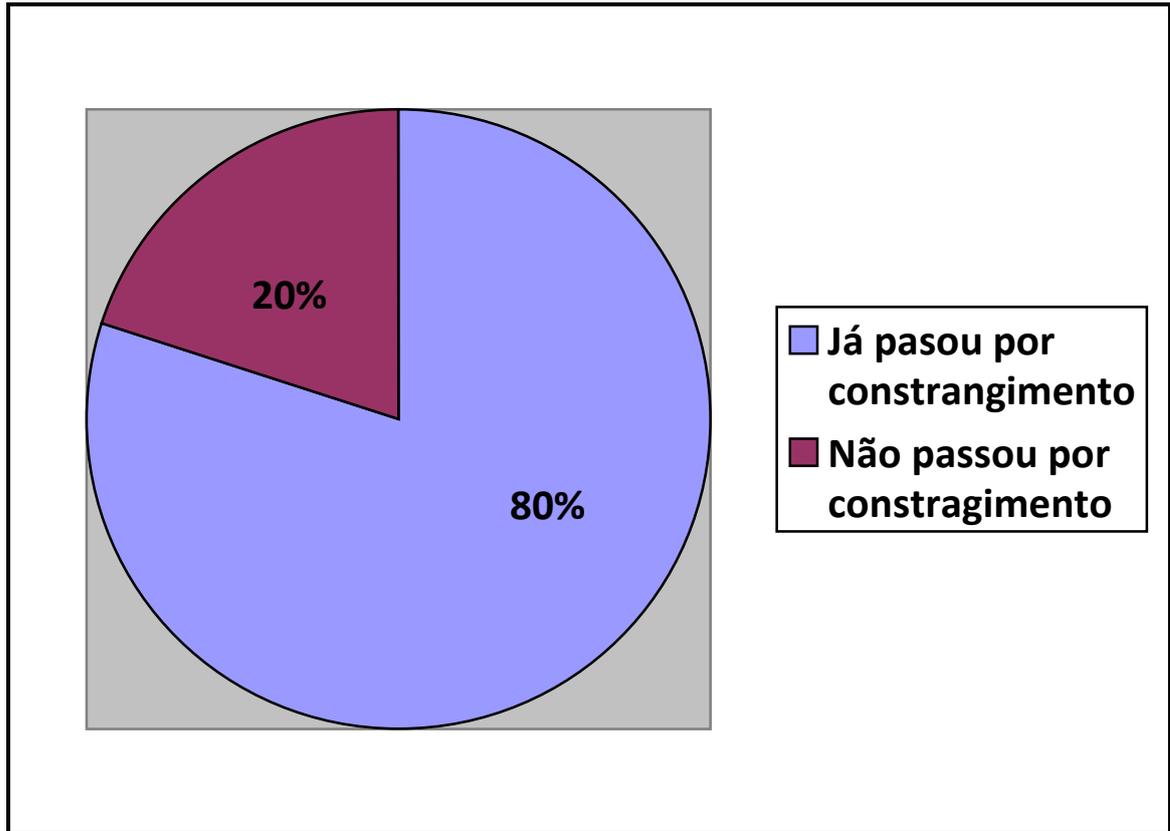


Fonte: Escola Estadual Kreen Akarore

Quanto a entrevista com os alunos do 7º e 9º ano, me chamou a atenção o fato de alguns dos alunos não se interessaram em escrever as respostas de forma justificadas, utilizando somente os monossílabos sim ou não. Foi selecionado algumas questões para analisar sobre o preconceito linguístico entre aos alunos. Dos entrevistados selecionei 10 (dez) questões para análise, quando perguntado se os mesmos já sofreram algum tipo de preconceito linguístico em sala ou em outro ambiente 80% disseram que sim, passaram por constrangimento pelos colegas em sala e 20% disseram que não, nunca passaram por constrangimento.

Um dos entrevistados disse que foi corrigido em sala, e ficou com muita vergonha pelo acontecido onde todos riram do seu modo de falar.

Gráfico 4 - Você já foi corrigido em sala ou em outro ambiente por falar de forma que acharam errada?

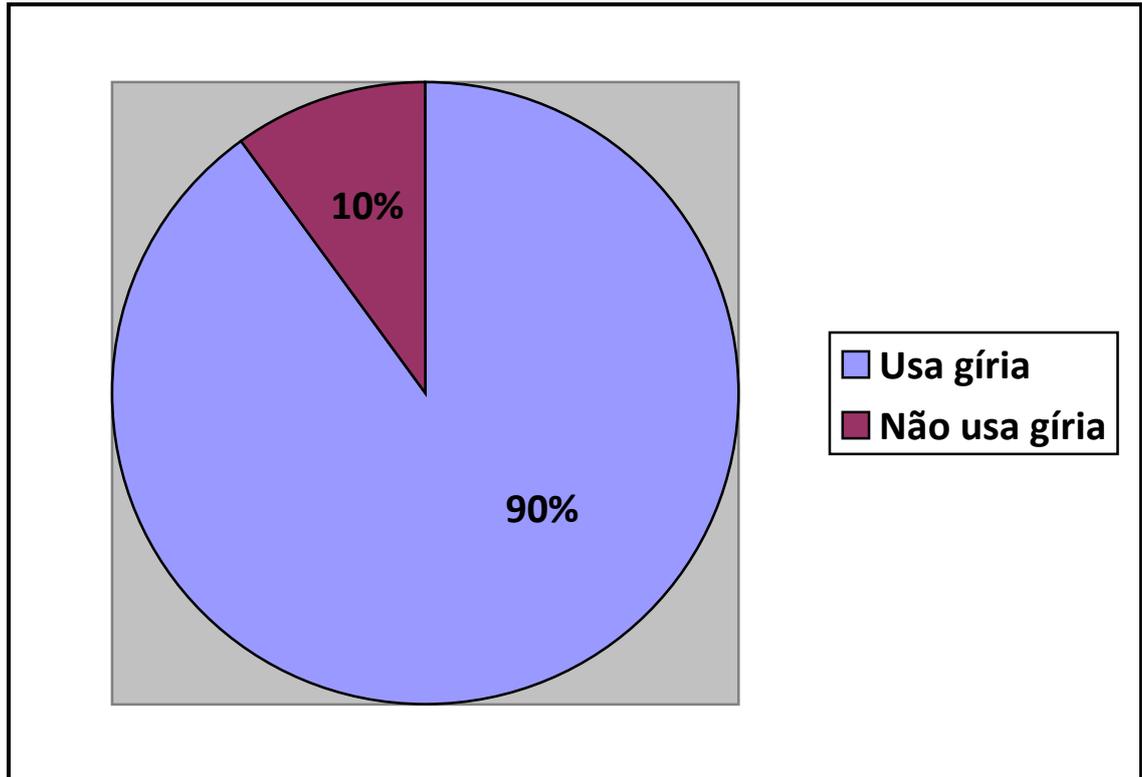


Fonte: Escola Estadual Kreen Akarore

Os entrevistados foram questionados também quanto ao uso de gírias, e me foi relatado que alguns alunos usam gírias em momentos de descontração com seus colegas e outros disseram que usam sim e acham normal falar gírias em sala de aula. Falas do tipo “pode crê”, “é isso aí”, “Tô nessa”, e um dos entrevistados disse que só usa gírias quando conversa com seus amigos fora do ambiente escolar.

A autora do estudo *A gíria comum na interação em sala de aula*, Luciene Maria Patriota (2009, p.14-15) afirma que “apesar de todo o preconceito que sempre a cercou (e cerca !), a gíria é um fenômeno que tem cada vez mais, invadido a sociedade em seus mais diversos segmentos e níveis- etários, sociais, econômicos e culturais”. A autora ainda defini a gíria como “ fenômenos chamados linguagens especiais: formas e expressões linguísticas que, motivadas por fatores como idade, sexo, profissão, condição social, escolaridade, surgem como variações próprias de grupos que compartilham uma forma particular de comunicação”.

Gráfico 5 – Você usa gíria na sala de aula?



Fonte: Escola Estadual Kreen Akarore

Após a análise dos dados percebeu – se que os preconceitos linguísticos são relacionados aos aspectos social cultural devido a tradição da sociedade e grupo que está inserido. A gíria por exemplo a sociedade relaciona com o aspecto marginal onde as atitudes não são da língua e sim do comportamento dos falantes.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho, teve como principal objetivo o preconceito linguístico no ambiente escolar, quanto a sua linguagem. Sabe-se que ainda são muito questionados o falar bem e o falar errado, por pessoas que ainda não tiveram o conhecimento adequado sobre o assunto. O reconhecimento da existência de muitas variedades linguísticas diferentes é muito importante para a nossa formação, pois muitas vezes a norma culta da língua portuguesa parece ser uma língua estrangeira, desconhecida por muitos, que por alguma razão não tiveram a oportunidade de conhece-la com todas as suas regras gramaticais.

É importante ressaltar que o preconceito linguístico muitas vezes acontece com teor de deboche, e muita das vezes gera diversos tipos de violência (física, verbal e psicológica). Esse preconceito atingi muitas regiões desprovidas de educação e cultura, o que se diz ser para todos, mas na verdade somente uma pequena parcela da população brasileira tem acesso a uma educação de qualidade, e os menos favorecidos são taxados como caipira, nordestinos etc. Entretanto vale lembrar que todas as variedades linguísticas devem ser consideradas um valor cultural e não um problema.

A escola e com seu corpo docente, suas pratica pedagógicas são de suma importância no processo de construção para desmistificar esse tipo de preconceito que afeta uma grande parte da nossa sociedade. Proporcionando a esse educando um crescimento intelectual e profissional do indivíduo.

Pude concluir que essa forma de preconceito linguístico precisa ser combatida nas escolas, necessita de formação pedagógica para os professores obterem mais informações sobre o tema e de forma mais dinâmica atuar junto ao aluno deixando claro as variantes linguísticas, é mais fácil combater aquilo que temos conhecimento. E é dentro desse contexto que a escola tem o poder social e econômico para proporcionar a integração dos grupos social respeitando as diversidades.

5 – REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos preconceito linguístico, **o que é como se faz**. Cidade: São Paulo, Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos, **A língua de Eulália**. Cidade: São Paulo, contexto, 2006.

BORTOLINI RICARDO, Stella Maris, **Educação em Língua Materna- "A Sociolinguística em Sala de aula, parábola**, São Paulo, 2006

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF.

CAGLIARI Gladis, **O texto na alfabetização: Coerência e coesão**. Campinas. Mercado das letras 2001

CERQUEIRA, Cláudia Hashimoto Figueiredo. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. DELTA, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 399-401, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso on 18 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502003000200017>. <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/meninos-e-meninas.html> Acesso em 05/11/2017

Dicionário Online de Português. Disponível - <http://www.dicio.com.br/preconceito/> > acesso em: 20 de outubro de 2017.

GERALDI, J. W. da redação a produção de texto, **Aprenda a ensinar os alunos**. Vol. 1. São Paulo.1997p.17-24.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GORSKI, Edair Maria. **O Direito à Fala: A Questão do Preconceito Lingüístico**. Delta, São Paulo , v. 18, n. 1, p. 153-161, 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

44502002000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Nov. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502002000100007>

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>, acesso em 02/11/2017
novaescola.org.br/conteudo/143/como-combater-o-preconceito-linguistico-na-escola . Acesso em 19 de outubro de 2017.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. São Paulo:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502002000100007
Acesso em 19 de outubro de 2017.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial** (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

ANEXOS



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE GUARANTÃ DO NORTE – FCSGN

CURSO DE LETRAS

ALENE PEREIRA DE ARAÚJO

Questionário para pesquisa de campo**Professor**-----**Sexo: M () F ()****Obs.:** O presente instrumento servira de base para projeto de pesquisa, seu nome não será mencionado.

1) Você considera a língua padrão como a única forma correta e a única que deve ser ensinada na escola?

2) Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?

3) Você faz correção ao seu aluno quando fala de maneira diferente da norma culta?

4) Você já presenciou alguma atitude de preconceito linguístico entre alunos? Qual foi sua reação?

5) Você possui nível superior? Qual sua graduação?



CURSO DE LETRAS

ALENE PEREIRA DE ARAÚJO

Questionário para pesquisa de campo**Aluno**-----**Sexo: M () F ()****Obs.:** O presente instrumento servira de base para projeto de pesquisa, seu nome não será mencionado.

1) Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico? Sim () não ().

2) Você já sofreu preconceito por falar diferente ou de forma errada?

3) Você se sente constrangido quando seu professor ou algum colega lhe corrigi em frente aos demais?

4) Você já presenciou algum tipo de preconceito regional em sua sala de aula? Qual foi sua reação?

5) Você utiliza gírias para conversar com seus colegas de sala de aula?

